

XVII

O ROMANCE DE ALFREDO

Depois de alguns minutos, utilizados por nós no serviço da higiene reconfortadora, Alfredo convidou-nos à mesa, onde Ismália, com extrema fidalguia, mandou servir frutos diversos.

Os senhores do castelo não podiam ser mais gentis.

Servidores iam e vinham, com grande júbilo a lhes transparecer do rosto.

A palestra de Alfredo e as observações de Ismália estavam cheias de notas interessantes e educativas.

— E qual a sua impressão dos serviços em geral? — perguntou Aniceto, atencioso, dirigindo-se ao dono da casa.

— Excelente, quanto às oportunidades de realização que nos oferecem — respondeu Alfredo em tom significativo — entretanto, não tenho o mesmo parecer quanto à situação em curso. As zonas a que servimos estão repletas de novidades dolorosas. O presente período humano é de conflitos devastadores e as vibrações contraditórias que nos atingem são de molde a enfraquecer qualquer ânimo menos decidido. Desencarnados e encarnados empênam-se em batalhas destruidoras. E' uma lástima.

— Multiplica-se o número de necessitados que recorrem ao Pôsto? — continuou indagando nosso orientador.

— Enormemente. Nossa produção de alimentos e remédios tem sido integralmente absorvida pelos famintos e doentes. Tenho quinhentos coope-

radores, mas nos sentimos presentemente incapazes de atender a tôdas as obrigações. As massas de sofredores são incontáveis. Noutro tempo, nossa paisagem se mantinha sem sombras, durante muitas semanas, mas agora...

Nesse instante, Ismália pediu licença para dirigir-se ao interior. E como Alfredo fixasse os olhos nos meus, aventurei-me a considerar:

— Ainda bem que tendes uma abnegada companheira ao vosso lado.

Ele e Aniceto sorriram, quase a um só tempo, falando-nos o administrador:

— Ah! meus amigos, por enquanto, não tenho essa felicidade em caráter definitivo. Minha esposa e eu temos o divino compromisso da união eterna, mas ainda não lhe mereço a presença contínua. Ela é a bondade celeste, entretanto, eu sou a realidade humana.

Depois de pequena pausa, prosseguiu com gentileza:

— Aniceto conhece-nos a história. Vocês, porém, a ignoram. Sentir-me-ei, portanto, contente, em relatar algumas lembranças, com benefício duplo. Aliviarei o coração, uma vez mais, contando minhas faltas, e vocês dois, que talvez tenham em breve novos serviços na Terra, aproveitarão, por certo, alguma coisa das minhas experiências.

Ismália e eu guardávamos um escrínio de felicidade no mundo, no entanto, os salteadores perversos espreitavam-nos a ventura. Minha responsabilidade era enorme no campo dos negócios materiais, e, longe de compreender as obrigações sublimes de espôso e pai, não procurava atender aos deveres justos para com o lar e os dois filhinhos que Deus me enviara ao círculo doméstico. Ismália, porém, era a providência de nossa casa. Esqueci-me, contudo, de que a virtude, a qualquer tempo, será atormentada pelo vício e minha nobre companheira foi vítima da maldade de um amigo desleal, com quem tinha eu inúmeros interesses em

comum, no campo monetário. Minha esposa sofreu, em silêncio, a perseguição dêle por alguns anos consecutivos. E quando meu desventurado sócio verificou a inutilidade da atitude criminosa, em franco desespero, buscou envenenar-me o espírito desprevenido. Começou por advertir-me, quanto ao procedimento dela. Atordou-me, envolvendo-a em acusações descabidas. Subornou criados domésticos e colocou espionas que seguissem minha querida Ismália, nas tarefas de esposa e mãe. Esse homem exercia profunda influência sobre mim, e, atendendo aos laços que nos uniam, minha companheira jamais se sentiu com bastante coragem para denunciá-lo. Enquanto dava ouvidos à calúnia, fora de meu círculo doméstico, tornara-me intolerável dentro dêle. Não sabia contemplar minha esposa com a preocupação e a confiança absoluta de outra época. Via o mal nos seus mínimos gestos e queria descobrir segundas intenções nas suas frases mais inocentes. Cheguei a acusá-la, veladamente. Ismália chorou e calou-se. Por fim, nosso infeliz perseguidor subornou um homem de baixa condição que permaneceu, certa noite, ao lado de nossos aposentos particulares como vulgar ladrão, às ocultas, sendo eu convocado à prova máxima. Penetrei no quarto em extremo desespero e acusei em voz alta ao ver a companheira profundamente tranqüila. Ismália levantou-se, receosa da minha saúde mental, mas não lhe atendi os rogos, procurando, como louco, o conspurcador da minha honra... Abri violentamente grande armário antigo, vasculhando o quarto. Nesse instante, o vulto de um homem esgueirou-se na sombra, do aposento próximo, e, antes que eu pudesse agarrá-lo no meu ódio infreque, saltou a janela, alcançando o pomar de nossa casa. Corri, desesperado, detonando balas a êsimo, mas nada consegui. Regressei ao quarto e, para címulho da calúnia odiosa, o desconhecido deixara, atrás de si, um chapéu novo, rigorosamente moderno, para que se acen-

tuassem meus sentimentos terríveis. Olhos conges-
tos, vomitando insultos, quis eliminar Ismália, ba-
nhada em lágrimas a meus pés; no entanto, alguma
coisa, que nunca pude compreender na Terra, pa-
ralisou-me o braço quase homicida. Vociferando
blasfêmias, surdo aos rogos dela, afastei-me do lar,
tomado de horror. No dia imediato, fiz valer meu
direito exclusivo sobre os filhos e providenciei para
que Ismália, convertida em estátua de dor, fôsse
restituída à fazenda paterna. Contratei uma go-
vernanta para os meninos e, logo após, tomei um
paquete para a Europa, onde me demorei mais
de três anos. Nunca me propus a verificações sé-
rias, e, embora tivesse o espírito incessantemente
atormentado, humilhei os sentimentos mais ínti-
mos, jamais procurando notícias da companheira
caluniada. Certo dia, recebi uma carta lacônica na
costa francesa. Um parente dava-me informações,
da esposa. Após dois anos angustiosos, entre a saü-
dade e o abandono, Ismália fôra colhida pela tu-
berculose, falecendo em terrível martírologio moral.
Deliberei, então, a volta. Fixei-me novamente no
Rio, eduquei os filhinhos e conservei a dolorosa
viuvez no desencanto do coração. Os anos rolavam
uns sobre os outros, quando fui chamado à cabe-
ceira do ex-sócio agonizante. O infeliz, em face da
morte, confessou o crime odioso, pedindo um per-
dão que, infelizmente, não pude conceder. Trans-
forme-me, desde então, num louco irremediável.
Cansado, envelhecido, procurei a propriedade rural
dos sogros, tentando reparar, de alguma sorte, a
injustiça, mas a morte não me deu ensejo e voltei
para a esfera dos desencarnados, em tristes condi-
ções espirituais.

Nesse instante, fez uma pausa, para continuar
comovido:

— Não preciso dizer que recebi de Ismália todo
o amparo de que necessitava. Todavia, infelizmen-
te para mim, estávamos separados. Não mereci a
bênção da união sublime. Ismália segue-me de per-

to, mas tem residência num plano superior, que devo esforçar-me por alcançar. Desde muito, dediquei-me aos serviços do nosso Pôsto de Socorro, consagrei-me aos ignorantes e sofredores, e minha santa Ismália vem até aqui, mensalmente, incentivar-me o bom ânimo e amparar-me nas lutas.

— Mas não poderia ela transferir-se definitivamente para aqui? — indagou Vicente, tão impressionado quanto eu, com o romance comovedor.

Alfredo sorriu e falou:

— Sei que Ismália tem trabalhado para isso, que seu ideal de união eterna é idêntico ao meu, atendendo à circunstância de estar o superior sempre em posição de dar ao inferior; mas não ignoro que foi advertida por nossos maiores, sobre as minhas atuais necessidades de esforço e solidão. Preciso conhecer o preço da felicidade, para não menosprezar, de novo, as bênçãos de Deus. Minha esposa deseja descer para encontrar-se definitivamente comigo; entretanto, é necessário que eu aprenda a subir e, por este motivo, ainda não recebemos a devida permissão para o definitivo consório espiritual.

Observando-nos a emoção, o generoso interlocutor concluiu:

— Estou resgatando crimes de precipitação. Pela impulsividade delituosa, perdi minha paz, meu lar e minha devotada companheira. Conforme ouviram, não matei nem roubei a ninguém, mas envenenei-me a mim próprio. A calúnia é um monstro invisível, que ataca o homem através dos ouvidos invigilantes e dos olhos desprevenidos.

XVIII

INFORMAÇÕES E ESCLARECIMENTOS

A volta de Ismália ao círculo da conversação impediu o prosseguimento do assunto.

Aproveitando, talvez, a oportunidade, Aniceto perguntou ao administrador:

— Que me diz da continuação de nossa viagem? Estimariamós alcançar, ainda hoje, as esferas da Crosta.

Endereçou-nos Alfredo significativo olhar e falou:

— Não me sinto com o direito de alterar-lhes o plano de serviço, mas seria conveniente pernoitarem aqui. Nossos aparelhos assinalam aproximação de grande tempestade magnética, ainda para hoje. Sangrentas batalhas estão sendo travadas na superfície do globo. Os que não se encontram nas linhas de fogo, permanecem nas linhas da palavra e do pensamento. Quem não luta nas ações bélicas, está no combate das idéias, comentando a situação. Reduzido número de homens e mulheres continuam cultivando a espiritualidade superior. E' natural, portanto, que se intensifiquem, ao longo da Crosta, espessas nuvens de resíduos mentais dos encarnados invigilantes, multiplicando as tormentas destruidoras.

Aniceto escutava com atenção.

— Não me preocupo com sua pessoa, continuou Alfredo, dirigindo-se de maneira particular ao nosso instrutor — mas estes dois amigos, penso, seriam desagradavelmente surpreendidos.

— Tem razão — concordou Aniceto.